GUIA PARA REGISTAR A VIDA SELVAGEM À SUA PORTA

2017

WILDER

REWILDING YOUR DAYS

ÍNDICE

1. Antes de começar 5
1.1. O que é para fazer? 6
1.2. Por que é importante registar espécies? 7
1.3. Quem pode registar espécies? 7
1.4. Uma forma de Ciência Cidadã 8
1.5. Quais os benefícios de registar espécies? ... 9
1.6. Defina o seu projecto 9
1.7. A solo ou em equipa 11
1.8. Contactos. 12

2. Vamos registar espécies? 14
2.1. O que levar. 14
2.2. Algumas sugestões do que procurar em cada estação do ano 14
2.3. Que dados devo registar? 15
2.4. Onde registar: 16
2.5. Marco Nunes Correia: Como desenhar uma ave 16

3. Qual a importância do cidadão naturalista 22

4. Ferramentas úteis 27

FOTO DE CAPA: WOLFGANG VOGT/PIXABAY

Utilização deste guia
Este guia pode ser distribuído gratuitamente para fins não-comerciais. Todo o conteúdo é propriedade da Rewilders Lda, empresa proprietária da revista Wilder. Proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta obra sem autorização do editor.

Este guia foi realizado pela equipa da campanha "Seja um Naturalista", da revista WILDER, apoiada pelo Fundo Ambiental. Destina-se a ajudar todos os cidadãos que queiram fazer o registo de espécies selvagens de plantas e animais e assim ajudar a aumentar o conhecimento sobre o mundo natural português.

É um ponto de partida para as suas descobertas e observações naturalistas.

Esteja à vontade para selecionar apenas as ideias que sejam relevantes para si.

Divirta-se. O entusiasmo é contagioso!

FOTO: CORUJA JOE PELL WIKICOMMONS

FOTO: MARC PASCUAL/PIXABAY

ANTES DE COMEÇAR

1

ANTES DE COMEÇAR

1.1. O que é para fazer?

É simples. Aproveite os seus tempos livres para descobrir, identificar e registar as espécies selvagens perto de sua casa. Podem ser, por exemplo, plantas, cogumelos, aves, anfíbios e répteis, mamíferos, borboletas, borboletas nocturnas e outros insectos. Tente que seja algo relevante a nível local.

Pode fazer uma lista da biodiversidade do seu bairro, registando o maior número de espécies possível.

Ou pode escolher um grupo específico que o fascina. Neste caso, o melhor é começar com os grupos mais visíveis e fáceis de distinguir: aves, borboletas, árvores.

Quanto mais obscuro e menos registado for o grupo que escolher, mais valioso se torna cada registo.

Ou pode ainda fazer registos regulares de uma mesma espécie ou fenómeno. Por exemplo, pode querer saber quando chega determinada ave na Primavera ou como se está a alastrar determinada planta exótica invasora.

Em Portugal, há centenas de pessoas que registam espécies nos seus tempos livres e que têm contribuído com milhares de registos de centenas de espécies que ocorrem no país. Por exemplo, a Biodiversity4all (www.biodiversity4all.org), plataforma nacional de registo de biodiversidade, tem um total de mais de 500.000 registos de espécies, feitos por 1.398 voluntários desde 1982 a 2016.

1.2. Por que é importante registar espécies?

O registo de espécies ajuda-nos a saber que espécies temos, onde estão e como têm evoluído ao longo do tempo. Contribui para compreendermos melhor o mundo natural: como está a responder às alterações climáticas e a adaptar-se aos meios urbanos, qual a diversidade da vida e que biodiversidade estamos a perder.

Responder a estas grandes questões da Ciência requer uma grande quantidade de dados que os investigadores não conseguem recolher sozinhos.

Os dados recolhidos por si podem ser usados para criar mapas de distribuição de espécies ou para detectar a expansão de plantas exóticas invasoras. E ainda há muito para saber. Quem sabe se descobre uma raridade ou se encontra uma espécie num sítio surpreendente?

1.3. Quem pode registar espécies?

Qualquer pessoa. Não precisa de competências especiais, apenas uma boa dose de dedicação e entusiasmo.

O registo de espécies selvagens é uma forma divertida e gratuita de gozar a natureza, enquanto faz algo de bom no mundo.

Centenas de pessoas por todo o país estão a registar espécies. Por que não juntar-se também?

Um exemplo:

José e Sérgio estão a inventariar as espécies da Lagoa de Melides

José Frade, 51 anos, é mecânico de automóveis. Sérgio Guerreiro, 45 anos, é técnico de telecomunicações. Vivem em Cascais e têm como missão inventariar o maior número de espécies da Lagoa de Melides, na costa alentejana.

Desde Setembro de 2014 já registaram mais de 250 espécies, das quais 142 de aves e 100 de borboletas, além de várias espécies de aranhas, gafanhotos, libelinhas, répteis e anfíbios, fungos e plantas. Criaram o projecto BioMelides, uma iniciativa de voluntariado em parceria com a Junta de Freguesia de Melides.

A ideia principal, disseram à Wilder, é "fotografar, catalogar e divulgar. Ou seja, dar a conhecer e sensibilizar, por intermédio de fotografia e vídeo, a fantástica biodiversidade que ocorre nos mais variados ecossistemas e habitats locais". Como a aranha-tigre ou a íbis-preta.

Pelo menos uma vez por mês vão a Melides registar espécies selvagens, por vezes à noite, de lanterna na cabeça e câmara fotográfica na mão.

Neste esforço contam com o apoio da comunidade naturalista que os ajudou a identificar várias espécies, especialmente borboletas nocturnas.

1.4. Uma forma de Ciência Cidadã

O registo de espécies é uma forma de fazer Ciência Cidadã. Ou seja, o envolvimento de voluntários na Ciência, que recolhem informação para aumentar o nosso conhecimento, neste caso, sobre o mundo natural.

E não é de agora. Em Portugal há vários exemplos de amadores naturalistas que, no passado, deram um importante contributo para a Ciência. Como o rei D. Carlos, naturalista que empreendeu 12 campanhas oceânicas para conhecer o mar Português. Entre 1896 e 1907 explorou o fundo do mar e alguns dos espécimes que recolheu – como um peixe-porco (*Balistes capriscus*) capturado em Agosto de 1899 - estão em exposição no Aquário Vasco da Gama, em Lisboa.

Outro exemplo é William Tait, ornitólogo amador nascido em 1844 no Porto que publicou listas de aves de Portugal e que foi o primeiro anilhador a actuar no país, segundo o livro "Aves de Portugal – Ornitologia do território continental" (2010, Assírio & Alvim).

1.5. Quais os benefícios de registar espécies?

São várias (e boas) as razões para fazermos listas de espécies ou mantermos notas com mais dados sobre os animais e as plantas que dividem o espaço connosco. Em especial, estes projectos aumentam o conhecimento científico; aumentam a nossa consciência para o ambiente que nos rodeia e permitem que pessoas com os mesmos interesses partilhem o seu entusiasmo e o conhecimento.

1.6. Defina o seu projecto

Antes de começar é importante responder a estas perguntas:

1. O que quero atingir? Qual o meu objectivo?
2. Qual o âmbito espacial e temporal dos registos?
3. Que dados quero recolher?
4. Qual a relevância e utilidade do meu projecto?
5. Vou ter custos?
6. Já há alguém a fazer isto?
7. Posso trabalhar em parceria com algum projecto existente?

FOTO: FELIX BROENNIMANN/PIXABAY

ATENÇÃO

Pode ser mais eficiente juntar-se a um projecto já em curso do que criar um novo. Aqui ficam alguns exemplos de iniciativas a que se pode juntar:

Contagens a decorrer durante todo o ano:

GelAVista – registar a ocorrência de organismos gelatinosos (como medusas) na costa portuguesa, no âmbito de um projecto do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA).
Mais informações: plancton@ipma.pt

Censo ao esquilo-vermelho – registar observações de esquilo-vermelho e vestígios do animal em Portugal, através da página do projecto O Esquilo Vermelho em Portugal, no Facebook.

Projecto Invasoras – mapeamento das plantas invasoras, como as acácias, mimosas e chorão-das-praias.
Mais informação: http://invasoras.pt

Águia-imperial-ibérica – registar as observações desta ave de rapina, uma das mais ameaçadas da Europa, e fornecer dados muito úteis ao projecto LIFE Imperial – Conservação da águia-imperial-ibérica em Portugal.

Registo de espécies nas Estações da Biodiversidade (Ebio) – descobrir e registar as espécies de plantas e animais nas mais de 30 Estações da Biodiversidade a funcionar por todo o país.

Contagens sazonais:

Contagem de aves do Natal e Ano Novo (Dezembro e Janeiro): iniciativa da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (Spea) para saber como estão a evoluir as populações de aves que passam o Inverno nos campos agrícolas de Portugal.

Musgos e Líquenes (Natal): ajude uma equipa de investigadores do CIBIO-InBIO (Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos) a conhecer melhor os musgos e líquenes que ocorrem em Portugal.

Censo ao grou (Dezembro a Janeiro): participe na contagem dos grous que passam o Inverno no Alentejo e junte-se a especialistas da Spea, Liga para a Protecção da Natureza, Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e Centro de Estudos de Avifauna Ibérica (CEAI).

Arenaria (Dezembro a Janeiro): dê um passeio ao longo da costa e conte as aves que encontrar, desde pilritos-das-praias às rolas-do-mar. Junte-se à Spea e faça as suas contagens em locais de observação previamente definidos.

Noctua (Dezembro e Janeiro): ajude a aumentar o conhecimento sobre as aves nocturnas de Portugal: mochos, corujas e noitibós.
Mais informações: nocturnas@spea.pt

Censo à população invernante da águia-pesqueira (Janeiro): junte-se aos voluntários que, num único dia, vão contar águias-pesqueiras. O objectivo é saber o número e as áreas de distribuição destas aves de rapina que chegam do Norte da Europa.

Censo ao milhafre-real invernante (Janeiro): várias associações portuguesas organizam este censo para contar os indivíduos de uma das aves de rapina mais ameaçadas de Portugal.

Censo à abetarda (Março a Maio): conte as abetardas no Alentejo e participe no censo populacional de uma das maiores espécies de ave da Europa.

Censo à vaca-loura (Maio a Setembro): ajude a conhecer melhor a população de vacas-louras (*Lucanus cervus*), o maior escaravelho da Europa, em Portugal, nomeadamente a aumentar a área de distribuição conhecida.
Mais informações: vacaloura.pt@gmail.com

Pé n'a Terra (Maio): organize uma actividade de registo da biodiversidade nacional e registe-a na iniciativa Pé n'a Terra, na plataforma Biodiversity4all.

Coastwatch (Setembro a Abril): inscreva-se na campanha Coastwatch e escolha um troço de costa com 500 metros para registar o que encontrar, desde algas a estrelas-do-mar ou caranguejos.
Mais informação: coastwatchnacional.wixsite.com

1.7. A solo ou em equipa

Pode fazer listas de espécies sozinho ou reunir uma equipa. Se este for o caso, é importante compreender as motivações de cada pessoa, fazer com que os participantes se sintam parte da equipa e que compreendam a importância do seu papel e facilitar a aquisição de competências naturalistas.

Lembre-se que desde o início, a sua dedicação e atitude vão ditar o sucesso do projecto.

Duas iniciativas para contar esquilos e aves

Em 2015, dois alunos do 12º ano de Biologia na Escola Secundária Amato Lusitano, em Castelo Branco, decidiram juntar-se e criaram um projecto para registar a presença do esquilo-vermelho num pinhal da região. Guilherme Pereira e Anatoli Studoniyy fizeram a contagem de esquilo-vermelho (Sciurus vulgaris) num pinhal próximo de Maxiais.

E o Clube de Ornitologia do Agrupamento de Escolas de Vila Pouca de Aguiar (Vila Real) fez um guia ilustrado com a descrição das aves observadas na escola e na região.

1.8. Contactos.

Identifique e contacte pessoas ou instituições da sua região ou a nível nacional que o poderão ajudar ou que poderão estar interessadas nos dados que recolher. Por exemplo: investigadores, naturalistas, associações, proprietários, empresas, autarquias.

Colaborar com outros é uma excelente forma de partilhar ideias e conhecimento e maximizar o alcance do projecto. Também pode ajudar a evitar duplicar trabalho.

VAMOS REGISTAR ESPÉCIES?

2

VAMOS REGISTAR ESPÉCIES?

2.1. O que levar.

É aconselhável levar câmara fotográfica ou telemóvel, um caderno, guias de identificação e, consoante aquilo que vamos procurar, binóculos ou lupas. E roupa confortável, calçado apropriado, chapéu e água.

2.2. Algumas sugestões do que procurar em cada estação do ano

Em cada estação do ano há sempre coisas diferentes para observar e notar. É muito gratificante conseguir identificar as mudanças na natureza. Aqui ficam algumas ideias do que procurar:

Primavera: Quais os primeiros rebentos nas árvores e arbustos que consegue observar? Que anfíbios consegue ouvir, nos seus chamamentos? Que aves migradoras estão a chegar à sua região? Que espécies de insectos consegue identificar, como borboletas e abelhas?

Verão: Que plantas crescem nas dunas? Que aves encontra nas praias? Quantas espécies consegue identificar numa praia com poças de maré? Há morcegos na sua cidade?

Outono: Que plantas ainda têm flores ou sementes ou que têm bagas? Que árvores mudam de cor e quais as autóctones e as exóticas? Como os animais se estão a preparar para o frio do Inverno? Que aves estão a migrar? Que borboletas ainda consegue encontrar?

Inverno: Onde há musgos e líquenes? Que árvores não perderam as folhas? Que aves permanecem na sua região durante o Inverno? De que se alimentam? Há plantas que dão flor no Inverno?

2.3. Que dados devo registar?

O ideal é conseguir identificar a espécie ou espécies que encontrar, o número de indivíduos observados, a data e o local.

Se não conseguir identificar logo a espécie, tire fotografias para procurar a resposta mais tarde. Ou mesmo que saiba o que é, as imagens que captar vão ajudar a confirmar os seus registos.

Como fazer a lista de espécies de aves do seu bairro

Ter a noção da natureza que existe no seu bairro pode ser uma experiência enriquecedora para si e para outras pessoas. O biólogo Nuno Curado ajuda-nos a começar a fazer a nossa lista de espécies de aves.

Por onde começar: Nuno Curado sugere que comece por estas cinco: piscos-de-peito-ruivo, chapins, pardais, melros e alvéolas. Mas esta é apenas uma referência. Procure saber quais as espécies mais comuns do meio urbano onde vive. E se for difícil de saber, então é porque a sua lista de espécies faz mesmo falta!

Uma lista para cada estação: Este biólogo sugere fazer listas para cada estação do ano porque vai observar coisas diferentes e aperceber-se das mudanças na natureza. Por exemplo, vai ver mais piscos-de-peito-ruivo no Inverno e mais garças no Verão. O final do Outono e o Inverno são as melhores épocas para registar aves em meios urbanos porque estas estão mais visíveis. Por um lado, as árvores perderam as folhas e, por outro, as aves estão mais activas à procura de alimento, mais escasso nos meses mais frios.

Os dados que deve registar: A sua lista deve ter cinco tipos de informação: a espécie a que pertence a ave que viu, o número de aves observadas, a data, o local e o comportamento. Repare, por exemplo, se as aves se estão a alimentar, se estão a fazer ninho, a caçar, a limpar as penas ou a concentrar-se nos dormitórios para passar a noite. Também pode tentar descobrir quais as árvores que as aves usam como dormitório. Pode ser uma certa árvore num parque de estacionamento ou numa avenida.

Onde registar: Pode registar as suas observações num caderno – onde pode juntar notas ou ilustra-

ções – ou na aplicação para dispositivos móveis da plataforma Biodiversity4all. Esta é a que Nuno Curado usa para inserir os seus dados directamente.

Onde procurar: Os lugares mais óbvios são os elementos naturais do seu bairro, como um rio, uma lagoa, uma praia, um parque verde ou até mesmo uma sebe natural. Depois há os espaços agrícolas nas periferias das cidades, especialmente na altura das colheitas, quando os tratores removem as terras e deixam a descoberto insectos e outras presas apetecíveis.

Com que frequência: Não é preciso ser demasiado exigente com a sua lista. Tudo vai depender da disponibilidade de cada um. Se fizer registos uma vez por estação do ano já é bom. Mas o ideal para conhecer a natureza do seu bairro é uma vez por mês.

A melhor altura do dia: As aves estão mais activas nas primeiras horas da manhã. Por isso, deve investir o seu tempo nessa altura. Vai ver que vai valer a pena.

2.4. Onde registar:

À medida que for observando e identificando as espécies selvagens, pode registar esses dados nos vários portais dedicados a esse efeito. Aqui ficam alguns:

Biodiversity4all – www.biodiversity4all.org

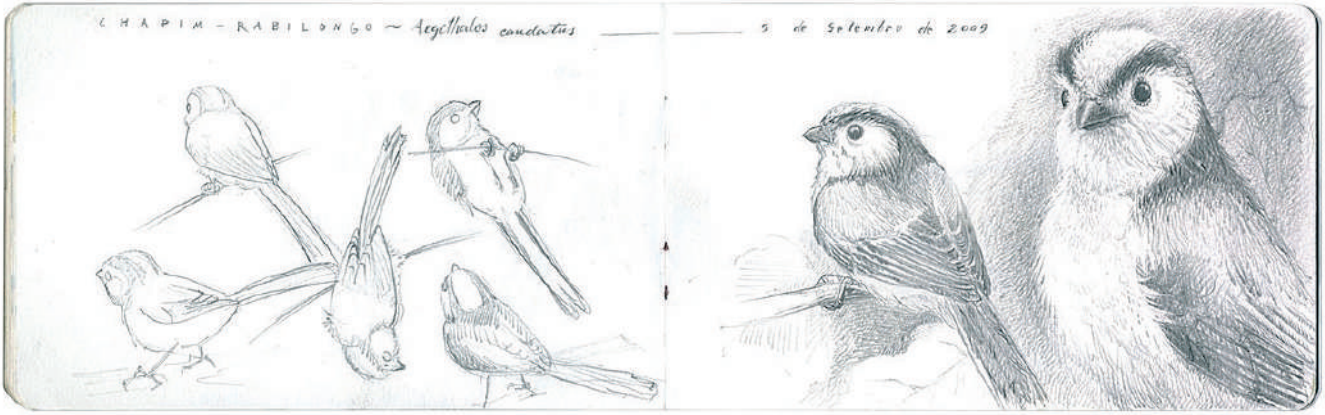
eBirds Portugal - http://ebird.org/content/portugal

Invasoras.pt - http://invasoras.pt

Ou pode registar a natureza num caderno de campo, através do desenho de natureza.

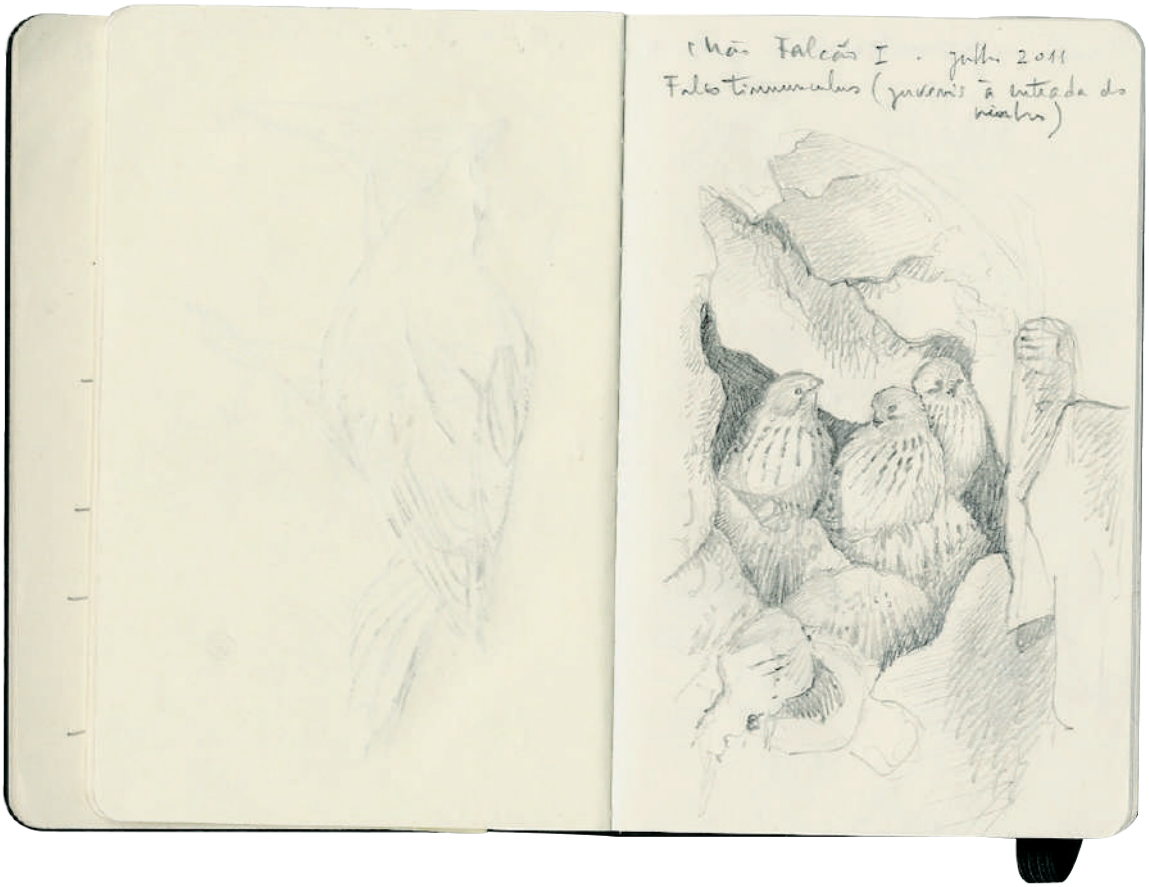
2.5. Marco Nunes Correia: Como desenhar uma ave

Desenhar aves pode ser um desafio para qualquer ilustrador. São muito rápidas e é raro estarem quietas tempo suficiente para conseguirmos um desenho realista. O ilustrador naturalista Marco Nunes Correia dá-lhe algumas pistas.



Fotos: MARCO NUNES CORREIA.

Fotos: MARCO NUNES CORREIA.



Fotos: MARCO NUNES CORREIA.

É sempre bom tentarmos desenhar aves na natureza, mas é muito natural não conseguirmos. Ainda assim há uns quantos truques.

Antes de ir para o terreno procure conhecer um pouco sobre as diferentes penas, o posicionamento da cabeça e das patas em relação ao corpo e a variação de forma das diferentes partes do corpo, em função da sua posição relativa.

Não basta ir para o campo e começar a desenhar aves, se não tivermos um mínimo de conhecimento sobre as mesmas. São precisas muitas horas de observação no campo, tomando especial atenção aos seus comportamentos.

Passemos então a alguns truques para iniciar o nosso registo de campo:

Comece por desenhar aves que estão paradas, a descansar ou a vocalizar a partir de um poleiro. Normalmente temos tendência para desenhar mesmo aquilo que não conseguimos ver com clareza, apenas porque sabemos que é assim. O melhor é não o fazer, ou seja, desenhe apenas aquilo que vê. Quando queremos ver melhor, utilizamos os binóculos ou um telescópio. É possível que, mesmo assim, não consigamos ver todas as escamas das patas, ou sequer todos os dedos. Então não os desenhemos ou façamos apenas um pequeno esboço!

Ao fim de algum tempo experimente desenhar aves a descansar, como as limícolas em zonas húmidas, as gaivotas, garças, cegonhas ou os corvos marinhos enquanto secam as asas depois de se alimentarem.

Comece por desenhar o corpo e depois várias posições da cabeça a partir do mesmo desenho.

Outra técnica é desenhar esboços da mesma ave espalhados pela página dupla do seu caderno e que pode ir completando simultaneamente, de acordo com os movimentos do animal.

E quando estiver mais habituado a observar e desenhar aves, pode treinar a memória de curta duração. Experimente observar atentamente o voo de uma ave durante algum tempo e depois pousar os olhos no caderno e tentar desenhar o que viu. É uma questão de prática e com o tempo vamos assimilando conhecimento sobre as várias espécies, conseguindo reter essa memória durante mais tempo.

Qualquer que seja a técnica utilizada, independentemente dos resultados obtidos, verá que o desenho lhe dará mais informações do que um registo fotográfico. Criará uma maior ligação aos seus modelos e aos lugares, permitindo recordar-se de outros detalhes que nem sequer chegou a registar.

FOTO: POLSKY/PIXABAY

QUAL A IMPORTÂNCIA DO CIDADÃO NATURALISTA

3

QUAL A IMPORTÂNCIA DO CIDADÃO NATURALISTA

Nos últimos anos, o número de naturalistas amadores tem vindo a crescer em Portugal. Dizem que qualquer pessoa pode identificar espécies, tornar-se especialista. Pode? E isso é importante para o país? A Wilder colocou estas questões a cientistas ligados a diferentes projectos e dá-lhe as respostas.

Uma das maiores forças da Ciência Cidadã é ter um exército de voluntários, dispersos pelos quatro cantos do país. Só nos primeiros sete meses de 2017, cerca de 1.500 portugueses registaram quase 700 espécies selvagens diferentes, em nove grandes projectos dedicados a conhecer a biodiversidade do país.

"Com a ajuda destes cidadãos, os cientistas acabam por ter muitos mais olhos na natureza, incluindo em sítios onde não estariam ou espécies a que não estavam atentos", diz à Wilder Patrícia Tiago, da equipa que, em 2009, fundou a Biodiversity4all, a primeira base de dados da distribuição nacional de espécies. Nos últimos dois anos, esta plataforma tem recebido, em média, entre 3.000 e 4.000 registos por mês.

E as vantagens não tardam em aparecer. Em 2016 os cidadãos ajudaram a descobrir duas espécies de libélulas que ainda não tinham sido registadas na cidade de Lisboa, lembrou a responsável.

Para Antonina dos Santos, responsável pelo projecto GelAVista no Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), o trabalho destas pessoas "tem grande valor científico". "A informação recolhida

pelos observadores possibilita a recolha de dados para além das amostragens normais, feitas pelos investigadores."

Além de permitir mapear uma área maior, os cidadãos ajudam a manter séries temporais mais longas.

Hélia Marchante, uma das responsáveis pelo mapeamento das espécies exóticas invasoras de Portugal no projecto Invasoras.pt, fala com entusiasmo da Ciência Cidadã. "Têm dado uma ajuda fantástica à nossa plataforma", que hoje tem 12.500 registos de Norte a Sul. "Superou mesmo as nossas expectativas iniciais", contou à Wilder. "Quando começámos este projecto muitos disseram-nos que seria impossível conseguir esta ajuda. O tema é difícil. Este é um grupinho de plantas que as pessoas normalmente não identificam, que têm uma menor afinidade e onde o desconhecimento é muito grande. Mas quatro anos depois, temos os nossos naturalistas fiéis e estamos no bom caminho."

Os projectos em Portugal que contam com cidadãos naturalistas

Os portugueses têm contribuído com dados de avistamentos de organismos gelatinosos para diferentes pontos da costa, tanto dados de mar como arrojamentos em terra, explicou Antonina dos Santos, do GelAVista. Além disso, "a participação dos cidadãos revela-se essencial no sentido de alertar a população para a ocorrência destes organismos em águas portuguesas."

Já Patrícia Tiago destaca que, graças à colaboração dos cidadãos, têm tido "registos e observações de espécies em locais para onde não estavam ainda dadas", na plataforma BioDiversity4All. "Apesar de termos dados também de cientistas, o objectivo é precisamente pôr outras pessoas a registar", diz.

Esta é também uma forma de atrair as pessoas para as maravilhas do mundo natural. "É mais fácil envolvê-las com a conservação quando estão emocionadas. Sentem-se ligadas às coisas e acabam por ter mais cuidado e defender mais as espécies."

Ainda assim, ressalva, há aspectos a melhorar. "Temos muitos dados de presença de espécies, mas não relativos à ausência de espécies, o que se torna um problema para a utilização dessas informações pelos cientistas."

Melhorar competências naturalistas é um processo lento

Hoje em dia, os cidadãos que participam em acções de ciência cidadã têm mais conhecimentos sobre o mundo natural? Patrícia Tiago acredita que "há mais pessoas com mais informação". Muitos começam por se interessar por áreas mais conhecidas, como as aves, e ao longo do tempo ganham interesse por outras áreas da biodiversidade.

Patrícia Garcia-Pereira, bióloga coordenadora da rede Estações da Biodiversidade (Ebio), conta que hoje "há claramente um aumento no número de pessoas interessadas em conhecer melhor a biodiversidade."

As Estações da Biodiversidade são percursos curtos, marcados com painéis de informação sobre plantas e insectos comuns para funcionarem como um guia de campo disponível para os visitantes no terreno. "O grande objetivo da rede, que já tem mais de 40 locais, é promover a participação de voluntários no registo da biodiversidade através de fotografia, contribuindo de forma ativa para o inventário e monitorização de cada local."

Ainda assim, e de uma forma geral, o conhecimento que os portugueses têm dos insectos e das plantas é, para esta bióloga, "muito, muito fraco!". Os portugueses não têm conhecimento da diversidade de insetos e plantas do país. Em relação à flora, a situação é um pouco melhor que para os insetos, especialmente desde o aparecimento do maravilhoso site Flora-on, que é uma ajuda essencial para a identificação das espécies".

Quanto aos insetos, acrescenta, "a ignorância é generalizada. Muito contribui o facto dos insetos não serem tratados convenientemente em nenhum grau de ensino, desde a escola primária até ao ensino universitário. A informação disponível para os interessados é também ainda insuficiente."

Mas, numa nota mais positiva, Patrícia Garcia-Pereira recorda as "pessoas com as mais diversas profissões que registam a diversidade na sua área de residência através de fotografia e que, pouco a pouco, vão procurando informações, trocando fotografias e experiências, tornando-se em pouco tempo naturalistas com um bom nível de conhecimento. Tem sido gratificante verificar que realmente a história natural é para todos. Qualquer pessoa pode identificar espécies, tornar-se especialista, desde que se proponha a realizar essa tarefa."

FOTO: MONIKA/PIXABAY

FERRAMENTAS

ÚTEIS

FERRAMENTAS ÚTEIS

Registos perto de si:

Encontre associações e universidades que organizam registos, bioblitz e actividades de conservação na sua área. Estas são algumas das entidades que organizam registos de biodiversidade:

SPEA (Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves)

Liga para a Protecção da Natureza (LPN)

Associação BioLiving

IPMA

Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF)

Biodiversity4all

Invasoras.pt (Universidade de Coimbra)

Jardim Botânico do Porto

Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro

O que fazer se não conseguir identificar alguma espécie?

Há vários sites que o podem ajudar a identificar as espécies. Estes são alguns:

Invasoras.pt:
www.invasoras.pt

Flora-On:
http://flora-on.pt

Portal Aves de Portugal:
http://www.avesdeportugal.info

Museu Virtual de Biodiversidade:
http://museubiodiversidade.uevora.pt

Naturdata – Biodiversidade online:
http://naturdata.com

Revista Wilder:
www.wilder.pt

Cursos de identificação de espécies:

Há várias organizações que promovem cursos breves de identificação de diferentes grupos de espécies, desde cogumelos a mamíferos e aves. Quer queira melhorar as suas competências de identificação ou especializar-se num grupo em particular, há cursos feitos a pensar no profissional e no naturalista amador. Aqui ficam algumas entidades que organizam cursos em Portugal:

Liga para a Protecção da Natureza (LPN)

Associação Aldeia

Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (Spea)

Fundação Serralves

Museu Nacional de História Natural e da Ciência

Câmara Municipal do Porto

Centro Ecológico e Educativo do Paul de Tornada

Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Vila do Conde

Produção
Wilder.pt

Conteúdos
Wilder.pt

Design Gráfico e Paginação
Mediapearl - Comunicação e Serviços, Lda.

Fotos
Joana Bourgard
HelenaGeraldes

Ilustrações
Marco Nunes Correia

Apoios:

ENEA 2020 ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

FUNDO AMBIENTAL
Ministério do Ambiente
Portugal